

EPISÓDIO 64. DIÁLOGOS: UMA CONVERSA COM LAURA SPINNEY

Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.

Garry Aslanyan [00:00:08] Bem-vindo ao Dialogues, sou o Garry Aslanyan. Esta é uma série especial do podcast Global Health Matters. Nesta série, vou abrir algumas das câmaras de eco que existem na saúde global. Para me ajudar nesta busca, convidei indivíduos atenciosos e curiosos de diferentes esferas da vida, cada um deles explorou e escreveu sobre questões globais de saúde a partir de diferentes perspetivas disciplinares. Espero que esta série de diálogos dê a vocês, os ouvintes, uma oportunidade e espaço para saírem da sua rotina diária e contemplarem as questões globais de saúde através de uma lente diferente. Então, vamos começar.

Laura Spinney [00:00:56] A gripe resultiu as populações humanas mais radicalmente do que qualquer outra coisa desde a Peste Negra. Influenciou o curso da Primeira Guerra Mundial e contribuiu indiscutivelmente para a Segunda. Isso empurrou a Índia para mais perto da independência, a África do Sul mais perto do apartheid e a Suíça à beira da guerra civil. Inaugurou a saúde universal e a medicina alternativa, o nosso amor pelo fresco e a nossa paixão pelo desporto, e foi provavelmente responsável, pelo menos em parte, pela obsessão dos artistas do século XX com toda a miríade de maneiras pelas quais o corpo humano pode falhar. Indiscutivelmente e provavelmente são qualificadores indispensáveis quando se discute a gripe espanhola, porque em 1918, não havia como diagnosticar a gripe e, portanto, de saber ao certo que era isso que era. O que não é discutível é que a pandemia de 1918 acelerou o ritmo da mudança na primeira metade do século XX e ajudou a moldar o nosso mundo moderno.

Garry Aslanyan [00:01:55] Para este episódio de diálogo, recorremos à linguagem, à memória e aos fios que ligam pandemias e pessoas ao longo do tempo. Junta-me a Laura Spinney. Laura é jornalista científica, romancista e autora de dois livros, “Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and How It Changed the World” e “Proto: The Hidden Origins of the World's Languages”. O trabalho de Laura percorre a história, genética, linguística e epidemiologia para revelar como as histórias de doença e linguagem moldam a nossa compreensão coletiva da humanidade. Nesta conversa, exploramos como as pandemias alteram as sociedades, como as palavras e os nomes influenciam o medo e o estigma, e exploramos o que as primeiras línguas do mundo podem nos ensinar sobre conexão e mudança. Olá Laura, bem-vinda ao espectáculo.

Laura Spinney [00:02:56] Obrigado. É um prazer estar aqui.

Garry Aslanyan [00:02:57] Laura, como jornalista, exploraste as raízes científicas de dois fenómenos globais muito diferentes, a gripe espanhola e as origens da família linguística indo-europeia. Ambos os seus livros têm uma abordagem interdisciplinar, combinando percepções de vários campos. Na saúde global, muitas vezes lutamos para lidar com as coisas em silos. Da sua perspetiva, que força única o jornalismo traz para romper esses silos?

Laura Spinney [00:03:34] Suponho muito simplesmente que posso falar com as pessoas de cada um. Estou resolutamente, como jornalista, a falar com o público, mas de certa forma satisfação a minha própria curiosidade sobre o que o quadro maior mostra, sabe, o quadro interdisciplinar. Mas quando estava a começar a pesquisar o meu livro Proto sobre as línguas indo-europeias, falava com pessoas nos três principais campos que contribuem para essa história, portanto, a linguística, a arqueologia e a genética, e mais de uma vez, um deles me dizia, sabe, nós três campos falam línguas diferentes. Não

nos entendemos bem. Então, talvez de certa forma, também os esteja a traduzir uns para os outros, de tal forma, por exemplo, que a primeira metade da revista Nature pode ser a metade das notícias para, sabes, explicar o que está a acontecer nas outras ciências aos que trabalham num determinado campo. E, à semelhança do Pale Rider, suponho que a minha primeira motivação para escrever esse livro foi preencher um buraco na nossa memória coletiva. Mas quando comecei a ler o que existia sobre esse assunto em termos de literatura, percebi que era bastante eurocêntrico ou pelo menos ocidental, e também havia uma espécie de, devo dizer, uma espécie de desconsideração das ciências sociais pelas ciências biológicas da vida, uma espécie de sentimento de que elas não importavam tanto, ao passo que acho que agora aprendemos da maneira mais difícil, mas também está claro na história que as ciências sociais têm muito a nos dizer sobre como as pandemias se desenrolam.

Garry Aslanyan [00:05:13] Então, trazer diferentes tipos de aspetos para um é realmente o que têm feito através destes processos, e é tão importante porque tivemos um episódio focado na comunicação da ciência e para os nossos ouvintes, se eles quiserem voltar e ouvi-lo, alguns sentimentos muito semelhantes foram partilhados. Também adoraria ouvir mais sobre a vossa metodologia e o processo de como escreveram estes livros. Como é que recolhe os dados e acaba por ter uma gama tão abrangente de histórias?

Laura Spinney [00:05:51] Quer dizer, em ambos os casos, teria de dizer que foi uma espécie de evento fortíssimo que me colocou nessa pista. Provavelmente seria um pouco longo para vos contar a história em cada caso, mas para o Proto, por exemplo, o meu livro mais recente acabou de sair, eu sempre, esse é o livro sobre a linguagem, sempre me interessei pela linguagem, mas suponho mais do ponto de vista psicológico ou neurocientífico, sabe, como a nossa linguagem está organizada no cérebro, esse tipo de coisa. Mas eu estava no Instituto Santa Fé no verão de 2022 como bolseiro de jornalismo, e essa foi a experiência interdisciplinar mais extraordinária, e no nosso grupo naquele verão estavam alguns linguistas, e meio que conversando com eles perceberam que esta história, essa capacidade de rastrear línguas pré-históricas até às suas origens, era alguma coisa que tinha sido completamente transformado nos últimos 10 anos, principalmente pela chegada da antiga revolução do ADN na genética, mas vamos falar disso e porque é que é significativo, presumo. Portanto, havia uma história para contar lá, então, foi assim que entrei nela. E depois, a história das línguas indo-europeias é algo que as pessoas estudam e tentam perceber há 200 anos, por isso não é propriamente uma história nova em si, e havia muita leitura para fazer quando decidi que queria investigá-la. Mas depois pego o touro pelos chifres e fui à minha primeira conferência de linguística histórica, e os linguistas históricos que estavam lá olharam para mim como se eu fosse uma espécie de alienígena do espaço sideral e perguntaram-me porque é que eu estava lá e porque me interessava pelo assunto deles. Mas tenho de ouvir, tenho de ouvir como eles estavam a falar sobre o assunto deles à luz destes outros campos, os avanços nesses outros campos, o que eles estavam a tirar desses outros campos, o que achavam interessante neles, o que achavam irritante neles ou estavam a descartar, e pude ver obviamente nas pessoas ao meu redor e nas pessoas estavam a discutir, quais eram os principais intervenientes, quem eram as pessoas com quem eu teria de falar. Depois, claro, houve um trabalho enorme de leitura de artigos, de ir a outras conferências, de acompanhar, é um campo muito rápido, certamente foi na altura em que eu estava a fazer a pesquisa e, de certa forma, continua a ser. E depois, claro, é que, sabes, quais são as grandes questões? Como é que as pessoas estão a lidar com isso? Quais são as diferentes abordagens? Onde estão as divergências? E o trabalho habitual de um jornalista num certo sentido. Mas, tenho de dizer que o trabalho habitual do jornalista sobre esteróides porque esta foi a missão intelectual mais desafiadora da minha vida, tentar entrelaçar estes três campos juntos para falar de uma coisa, proto-indo-europeia que é essencialmente hipotética quando esses três campos não falam as mesmas línguas era para dizer o mínimo, desafiador.

Garry Aslanyan [00:08:47] Então, se olharmos para Pale Rider, foi um relato da gripe espanhola e como ela moldou nações, comunidades, culturas, em todo o Norte e Sul globais. A história raramente contava tanto nessa medida neste tipo de história ou numa doença. Porque é que foi importante para si ter uma perspectiva tão global, olhando para isto a partir de vários tipos de aspetos dela?

Laura Spinney [00:09:16] Portanto, não vos contei a história de como me interessei pela gripe de 1918, chamo-lhe a gripe de 1918, a propósito, não a gripe espanhola, embora a gripe espanhola esteja no subtítulo do meu livro, porque era assim que as pessoas sabiam disso. É um nome impreciso. É um acidente histórico. Mas, enquanto jornalista científico, vários editores me pediram para começar a pensar em como poderíamos marcar o centenário da Grande Guerra, a Primeira Guerra Mundial de que estou a falar, por volta de 2013, agora estávamos a tentar pensar cientificamente nas formas que poderíamos marcar esse centenário. Assim, recebi todo o tipo de missões interessantes, e uma delas foi que fui mandado para os Alpes italianos, onde, como em muitas partes do mundo, os glaciares estão a derreter. Nos Alpes italianos, na Primeira Guerra Mundial, travaram o que se chamava Guerra Branca, então uma guerra em altitude. Foi uma guerra absolutamente miserável. Morreram mais homens de uma espécie de congelamento e avalanche e assim por diante do que de conflito real, e foram basicamente esquecidos pelas pessoas de baixo. Mas foi fascinante no sentido de que desenvolveram toda uma tecnologia de guerra de alta altitude, sabe, transportando coisas do topo de uma montanha para outra por funicular e coisas do género, e todo este material, junto com todos os cadáveres e os restos humanos dessas batalhas, meio que afundado no gelo onde estava muito bem preservado até as geleiras começarem a derreter, as geleiras estão a derreter, todo esse material está a derreter, e há uma corrida contra o tempo entre os arqueólogos para recolhê-lo e conservá-lo antes que se decomponha. Então, eu estava lá em cima, nas geleiras, a escrever sobre esse esforço. E acabei por ir a um funeral de dois jovens soldados cujos corpos tinham derretido do gelo e que não puderam ser identificados, numa pequena igreja em Itália cujo cemitério estava cheio de pessoas que, achavam, daquela espécie de região fronteiriça, que achavam que podiam ter sido os nossos avós, sabes, não sabemos quem são mas eles poderia ter sido e eram de ambos os lados do conflito, essas famílias, então foi incrivelmente comovente e lembro-me de ir para casa e dizer ao meu marido, sabe, essa é possivelmente a experiência mais comovente da minha carreira jornalística e ele me disse, pensou por um momento, e acho que também ficou bastante comovido com isso, e ele me disse, sabe, nós Falamos muito da Grande Guerra, nunca falamos da gripe espanhola, ele usou esse nome, mas acho que matou muitos mais. Então, saí e fiz a minha primeira pesquisa no Google e vi o número absolutamente alucinante de vítimas da gripe espanhola e estava no caminho certo para aquele livro. Então, só para explicar que a minha motivação inicial para escrever esse livro era preencher esse buraco na nossa memória coletiva. Sabem, ninguém me pediu para assinalar o centenário da gripe de 1918 e é claro que deveriam ter sido. Foi por isso que senti a necessidade de escrever o livro. Quando comecei a ler a literatura que então existia, percebi, como penso ter mencionado na pergunta anterior, que os livros que existiam, embora excelentes, eram muito centrados na Europa e nos EUA. Não poderiam ter sido de outra forma, porque na altura em que foram escritos, esses eram os únicos dados que tinham sido recolhidos e que estavam disponíveis. Mas era evidente que era necessário alargar o foco. Quer dizer, quando o centenário da gripe de 1918 finalmente chegou, o meu livro tinha acabado de sair. Ainda havia países no mundo que tinham sofrido muito pior do que os da Europa ou da América do Norte que nem sabiam que tinham sofrido. A Índia, por exemplo, que sofreu o maior número de mortos em número absoluto do que qualquer país do mundo, estimamos 18 milhões, que é aproximadamente o número estimado de mortos de toda a Primeira Guerra Mundial. Claramente, essas pessoas precisavam entender esse capítulo da sua história.

Garry Aslanyan [00:13:08] Achei interessante ler sobre os surtos, como eles foram tratados tanto em tempos bíblicos como depois durante a gripe espanhola, bem, ainda chamamos-lhe, e quão

estritamente eles estavam realmente a espelhar a experiência recente com COVID em termos de abordagens. Escreveu este livro, obviamente, antes da pandemia, acha que ter conhecido esta perspectiva histórica, pode ter ajudado a comunidade de saúde a responder de forma diferente, digamos em torno da hesitação vacinal ou de quaisquer outros aspetos.

Laura Spinney [00:13:46] Do lado do comportamento humano, é bastante chocante a forma como os paralelos investigam uma e outra vez em pandemia após pandemia. Sabem, todos podemos recordar durante a COVID, a fase aguda da COVID, o tipo de curas charlatãs, as teorias da conspiração, o tipo de politização da resposta e da própria pandemia. E nada disso, é tão antigo como as colinas, realmente é. Portanto, a saúde, a comunidade de saúde pública sabe, que realmente sabe, ou se não sabe, não tem muita desculpa. Agora, claro, são muitas vezes, senão sempre, os políticos que estão a tomar as decisões, então, a comunidade de Saúde Pública pode estar certa a dizer uma coisa e não ser ouvida. Mas a ideia de que precisamos de começar a preparar não quando a pandemia irrompe, mas muito antes, a ideia de que precisamos de construir confiança numa população antes que apareça em cena. São coisas que os profissionais de saúde pública conhecem muito bem. E, sabe, por razões complicadas, incluindo os aspetos políticos do problema, isso nem sempre está em vigor tão bem como gostaríamos que fosse, digamos, quer dizer, houve alguns descuidos bastante chocantes também por parte da comunidade de saúde pública, acho, quer dizer, não sei se lembram, mas em 2019 houve a Saúde Global Foi publicado o Índice de Segurança, que foi medido.

Garry Aslanyan [00:15:28] Certo, países, certo? Quem está a ir bem e quem acabou onde depois da pandemia propriamente dita?

Laura Spinney [00:15:34] Quer dizer, o momento foi lamentável para as pessoas que o juntaram porque saiu pouco antes, mas sabem que os EUA e o Reino Unido estavam no topo. A China estava algures 51 ou algo assim, as nações africanas e muitas nações africanas estavam bem no fundo. A Coreia e a Nova Zelândia também foram bastante bem feitas e é claro que os países que acabei de mencionar muitas vezes se saíram muito bem e muito melhor do que os EUA ou o Reino Unido e acho que o que isso nos diz essencialmente é que podemos medir a capacidade das unidades de cuidados intensivos, o espaço e o equipamento do laboratório epidemiológico e todo o resto, a capacidade de teste, mas esses não são tudo o que conta. Temos também de ter em conta as coisas que são difíceis de medir, como a confiança no governo, a confiança nas autoridades ou o espírito comunitário e coisas do género, que, como vimos na nossa experiência muito recente, moldam, como um país se sai enormemente e essencialmente transformou isso, esse índice de dentro para fora em termos de quem fez bem e quem, quem não.

Garry Aslanyan [00:16:44] Como acha que a linguagem moldou a compreensão mundial da gripe espanhola como uma doença que afectou toda a gente? No livro, notamos exemplos como a língua igbo na Nigéria, que nem sequer tinha uma palavra no seu léxico para descrever tal doença.

Laura Spinney [00:17:02] Certo, acho tão fascinante a forma como o nome de uma pandemia se desenrola. Quer dizer, em 1918, as pessoas demoraram um pouco e agora que vivenciamos isso, talvez possamos perceber um pouco melhor, ou talvez não, porque era uma época em que as comunicações eram muito mais lentas e mais irregulares e mais pobres. Mas, para começar, as pessoas não perceberam que estavam a lidar com uma pandemia global. Pensavam que estavam a lidar com, sabem, muitos surtos locais que não estavam necessariamente ligados uns aos outros. Sabem, quando há um surto de doença infecciosa algures, tem de ser nomeado muito rapidamente porque não podemos responder a ele se não pudermos falar sobre isso. Então, toda a gente está a dar-lhe um nome nestes diferentes lugares, mas não é o mesmo nome, então eles não estão a falar de um único

fenómeno, mesmo estando a lidar com um único fenómeno essencialmente. E depois, é claro, temos de trazer o facto de que as pessoas compreendem a doença de forma diferente, as pessoas compreendem as doenças infecciosas de forma diferente, as pessoas têm ideias diferentes sobre como tratá-las. Portanto, todo este tipo de conhecimento filtrado através da linguagem, moldam a resposta. E, sabem, é um processo em evolução, mas o nome é absolutamente crítico para o comportamento que dele flui, penso eu. E também é importante dizer que, do lado científico, quer dizer, o vírus era um conceito relativamente novo em 1918. A maioria dos médicos no mundo pensava estar a lidar com uma doença bacteriana, pelo que mesmo do lado científico, do lado dos especialistas, havia um sentido em que o conhecimento tem de evoluir e está a evoluir em tempo real durante uma pandemia.

Garry Aslanyan [00:18:46] Então, já mencionou que o nome da doença pode realmente ter implicações de longo alcance, de certa forma. Falámos do nome da gripe espanhola e de não ser de todo originário de Espanha. Como acha que a linguagem que usamos em torno das doenças contribui para o medo, o controlo, o estigma e todos os outros aspetos que estão realmente ligados ao nome da doença?

Laura Spinney [00:19:14] Quer dizer, o exemplo clássico disso é o VIH, certo? O que, quando foi descrito pela primeira vez, chamava-se uma deficiência imunológica relacionada com os homossexuais, o que foi um desastre em muitos aspectos, não só para estigmatizar a comunidade homossexual, mas também para levar os heterossexuais a pensar que não estavam de alguma forma em risco e que era uma doença minoritária, portanto, os recursos investidos para estudá-la eram muito poucos. Assim, podem ver como estes nomes desde o início podem colocar as pessoas no caminho errado, mas é um dilema difícil de resolver porque, como eu disse, precisamos nomeá-lo desde o início para mobilizar as pessoas e fazê-las discutir a melhor forma de responder. Mas como equilibramos essas coisas, a necessidade de nomear uma doença no início, quando não sabemos necessariamente muito sobre ela. E a necessidade de não estigmatizar ou enganar é bastante difícil. A OMS em 2015 apresentou um conjunto de orientações sobre como nomear doenças. E acho que estavam bastante, sabem, lúcidos e de olhos abertos sobre isso, perceberam que não conseguiam acertar tudo. Só queriam, penso eu, evitar os piores pecados de nomeação, sabem o tipo de nome mais estigmatizante. Então, agora, por exemplo, uma das orientações era não destacar lugares, espécies, ou grupos humanos específicos, como identificados pela sua sexualidade, religião ou cultura, no nome. Mas mesmo assim, o que pensariam que poderia ser uma sugestão bastante inofensiva, foi criticada por algumas pessoas que disseram, bem, se dermos a doenças nomes muito insossos, sabe, com muitos nomes latinos complicados de micróbios e números e assim por diante, vamos às letras gregas, as pessoas vão esquecer-las, serão esquecíveis, não poderão falar deles ou lembrar-se deles. Portanto, é difícil acertar, mas devemos claramente tentar evitar estigmatizar tanto quanto possível.

Garry Aslanyan [00:21:21] Vamos ouvir uma leitura do seu livro.

Laura Spinney [00:21:25] O sânscrito, o grego, o latim, o nórdico e o inglês são todos descendentes de uma língua muito mais antiga, o proto-indo-europeu, do proto, que significa primeiro, e os indo-europeus, a família a que pertencem essas línguas. Os oradores do Proto Indo-europeu, que talvez tivessem apenas algumas dezenas para começar, viveram entre a Europa e a Ásia e a região do Mar Negro. Também eles adoravam o Padre Céu. Há cerca de 5 000 anos, a língua deles explodiu no berço do mar Negro, espalhando-se a leste e a oeste e fragmentando-se à medida que avançava. Dentro de mil anos, os seus descendentes puderam ser ouvidos da Irlanda à Índia. O big bang das línguas indo-europeias é, sem dúvida, o acontecimento mais importante dos últimos cinco milénios no velho mundo. Foram necessários mais três mil e quinhentos anos e a invenção do navio oceânico. Mas

depois de 1492, algumas dessas línguas implantaram-se no novo mundo e, a partir daí, expandiram-se novamente.

Garry Aslanyan [00:22:26] Então, no seu livro, Proto, exploramos estas origens das línguas indo-europeias e da família e mostramos como, apesar de nunca ter sido realmente escrita como uma linguagem escrita, a nova investigação genética arqueológica está a ajudar-nos a rastrear onde tudo começou. De onde é que esta língua se originou e como se tornou a base das línguas faladas, por mais de três mil milhões de pessoas hoje.

Laura Spinney [00:22:57] Em primeiro lugar, acho que é importante dizer o que queremos dizer com a família indo-europeia e é isto, sabem, um monte de línguas. Existem 400 delas incluindo dialetos que ainda são falados hoje, que são considerados todos descendentes de um único ancestral comum e incluem hindi, espanhol, inglês, russo, centenas de outros, então é bastante diversificado. É a maior família linguística do mundo, quer se meça pela dispersão geográfica ou pelo número de falantes, quase metade da humanidade fala esta língua. E a maneira como veio a ser definido é por políglotas, pessoas que falam muitas línguas e percebem semelhanças entre essas línguas, certo? E a observação acabou por se tornar uma comparação sistemática, para que pudessem começar a dizer quando essas línguas divergiam, quais vieram primeiro, quais vieram depois, a distância relativa entre elas, e mais ou menos representá-las numa árvore genealógica, voltando a este antepassado hipotético, que chamamos proto-indo-europeu, de Proto que significa primeiro e indo-europeu em nome da família. E só para dar uma espécie de ilustração dessas semelhanças, o meu exemplo favorito e o que dou no livro, é do deus mais poderoso do antigo panteão indiano, cujo nome era Dyaus Pita, que significa literalmente pai céu, ou se literalmente significa pai céu, mas em inglês diríamos pai pai. E se pensarem no deus mais poderoso do Panteão Romano, que era Luppiter, depois anglicizado como Júpiter, ou em grego antigo, é Dyeus Pater, muitas vezes abreviado para Dyeus, ou em inglês, Zeus. Então, no grego, no sânscrito e no latim, já estão a ver semelhanças familiares e, com o tempo, os linguistas empurraram isso para esta família muito grande que chamamos de indo-europeia e, além de poderem construir a árvore genealógica desta família linguística, também conseguiram, com esta comparação muito sistemática e meticulosa, reconstruir para alguns extensão da língua ancestral a que chamamos proto-indo-europeia, não é um exercício hipotético porque o proto-indo-europeu é uma língua morta há muito tempo que nunca foi escrita. A escrita foi inventada, como sabem, provavelmente há cerca de 5.000 anos, e muitas das primeiras línguas indo-europeias não foram escritas, por isso era uma língua pré-histórica que é literalmente uma língua que antecedeu a história, e tudo o que podemos fazer é adivinhar basicamente o que soava e em que consistia o seu vocabulário, mas podemos adivinhar com muito bom nível de confiança em alguns casos, e os linguistas reuniram um vocabulário de cerca de 1600 palavras correspondendo realmente a um esqueleto dessa língua, e a partir desse esqueleto, porque a língua reflete o mundo em que os seus falantes habitam, falamos das coisas que importam para nós, podem dizer algumas coisas sobre quem eram essas pessoas, como viveram, o que sabiam em termos de tecnologias e coisas, e depois não podem ir aos historiadores porque não há registos históricos, mas podem ir a arqueólogos e podem dizer arqueólogos, pensamos esta língua, desde o grau em que diverge para dar todas as línguas indo-europeias vivas e o que sabemos sobre taxas evolutivas na linguagem, pensamos que foi falado algures entre 5 000 e 10 000 anos atrás. O que é que nos podem dizer sobre as pessoas que vivem no velho mundo, na Eurásia, naquela janela de tempo, que sabiam destas coisas, que viviam desta maneira, que estavam localizadas nesse tipo de espaço difícil, e depois podem falar com geneticistas e perguntar, quem estava a andar por aí? Quem era que levava esta linguagem por toda a parte? Ok, e com o advento do ADN antigo, que é a capacidade de extrair ADN de restos humanos antigos e analisá-lo, essas migrações pré-históricas podem agora ser rastreadas. Acontece que os oradores mais prováveis do proto-indo-europeu eram um bando de pastores nómadas que viviam nas estepes da Europa

Oriental, a norte dos mares Negro e Cáspio, há cerca de cinco mil anos atrás, chamam-se Yamnaya, esse é o nome russo que se refere ao seu enterro direito, enterraram os seus mortos debaixo deste enorme sepultamento montes nas estepes, eram muito móveis e irradiavam leste e oeste e felizmente acontece que as suas rotas de migração apontam muito bem para a diáspora das primeiras línguas indo-europeias. Portanto, embora nunca possamos prová-lo, os Yamnaya parecem os candidatos mais prováveis e oradores do proto-indo-europeu.

Garry Aslanyan [00:27:36] Uau, isso foi realmente fascinante e, sabes, ocorreu-me uma coisa que, quando disseste que os políglotas faziam coisas diferentes, passavam por palavras diferentes. Portanto, uma das minhas línguas maternas é o arménio, uma língua indo-europeia antiga e única, isolada, porque ninguém mais fala essa língua. Fiz isto e porque adoro aprender outras línguas, tenho feito estas coisas com bastante frequência. Gosto, se tomarmos uma palavra, digamos, coração, e em arménio é “sirt”, e em, digamos que o sânscrito seja “hrd”, espero dizer isso certo, e em proto-indo-europeu, acho que é “kerd”, ou algo assim, e em latim é “kardia”, e depois em grego, não, é grego é “kardia”, em latim é “cor”, e depois “heart” em inglês, e coracao, e depois vemos como estas coisas são muito semelhantes. Portanto, é realmente incrível que se possa realmente ver e reconhecer este tipo de padrão de linguagem.

Laura Spinney [00:28:43] Estas semelhanças, sim.

Garry Aslanyan [00:28:45] Similaridade, exatamente, e sempre me perguntei, em palavras relacionadas com a saúde, se este multilinguismo pode ou não melhorar a nossa abordagem da saúde global, se pudéssemos unir-nos um pouco mais em torno desse tipo de questões linguísticas, então isso foi apenas uma digressão para vos dizer.

Laura Spinney [00:29:07] Não, acho que é uma ideia adorável e dá-vos, não sei quanto a vocês, mas meio que me causa arrepios ao pensar, sabe, que isso é um tipo de coisa, quer dizer, o coração é obviamente algo de grande importância para todas as pessoas, em todos os lugares, em todos os momentos. Outra palavra que adoro é a palavra para estrela, “hstr”, como é reconstruída no proto-indo-europeu, e “aster” no grego antigo, e “tistrya” em Sogdian, que era uma língua das antigas Rotas da Seda, e o que mais existe, “stjarna” em islandês, a mesma palavra essencialmente em todas estas línguas porque todos nós temos há milhares de anos olhei para aquelas coisas brilhantes no céu, e perguntei o que eram, e o que fazia a luz e contava histórias sobre elas Então é muito comovente, políglotas como vocês veem as ligações, devo apenas dizer como uma espécie de barra lateral que sabe, a razão pela qual é um exercício difícil escolher essas semelhanças familiares é porque as línguas não muito trabalho como genes, palavras e sons e expressões gramaticais podem ser emprestados em várias línguas, bem como herdados. Portanto, parte do trabalho do linguista histórico é fazer a distinção entre esses dois processos, mas eles podem fazer isso, têm regras para fazer isso, sabem como os sons mudam ao longo do tempo. Portanto, o exemplo que deu da palavra para coração é excelente, de uma que foi herdada ao longo dos tempos do proto-indo-europeu, e acho que fazem uma observação muito boa, que é que os políglotas, como vocês, veem as ligações, vêem as semelhanças, quando olhamos para a vasta família linguística indo-europeia, percebemos que há diversidade e sobreposição de tirar o fôlego, e isso é porque somos todos humanos, estamos todos a viver no mesmo plano corporal básico, confrontamo-nos com os mesmos dilemas básicos, e então vemos essa sobreposição e, de certa forma, é uma ideia semelhante com doenças infecciosas, certo? Quer dizer, no centro do meu livro, *Pale Rider*, e expliquei isso na introdução, está uma ideia muito simples, é o encontro de um ser humano e um vírus, certo, mas esse encontro, conforme moldado por diferentes fatores, clima, cultura, religião, economia, pode assumir uma miríade de formas diferentes à medida que gira em todo o mundo. Assim, o resto do livro, tendo identificado o essencial na

introdução, o resto do livro está a explicar como ele tomou essas diferentes formas em diferentes partes do mundo. Por isso, acho que há muito a aprender comparando a evolução da linguagem e da doença para além da dimensão pura da comunicação.

Garry Aslanyan [00:31:48] E, claro, a migração sempre desempenhou um papel importante nisso, na formação da linguagem, e as pessoas se moviam, e tem exemplos no seu livro disso, e mencionou, e como acha que a migração de hoje, impulsionada pela guerra, pelas alterações climáticas, pelas pressões económicas, afetará o futuro das línguas que falamos?

Laura Spinney [00:32:11] Ao longo da história e da pré-história, a migração tem sido considerada um dos principais, senão o principal, motor de mudança de linguagem. Portanto, isso não deixou de ser verdade, embora estejamos numa espécie de território relativamente desconhecido no que diz respeito à evolução da linguagem e tem sido durante os últimos séculos por causa da literacia, da literacia generalizada e da escrita, e a existência de textos e sistemas de escrita normalizados tende a retardar a evolução da linguagem. É apenas um fator, mas é importante. Portanto, para responder à sua pergunta, haverá certamente consequências linguísticas da migração por vir. Acho que ninguém contestaria. O que eles serão é mais difícil de dizer, e isso porque há uma espécie de forças contrárias aqui, e não sabemos como elas se vão desenrolar. O que vai acontecer à medida que as alterações climáticas se intensificarem é outro problema interessante, certo? Há quem preveja uma enorme vaga de imigração para o norte, mais frio, mais rico, em geral, partes do mundo, à medida que partes do Sul global se tornam inabitáveis. Outras pessoas estão a dizer que não haverá tal onda, talvez haverá pontos menores de tensão, pontos de conflito, à medida que as alterações climáticas desencadeiam guerras pela água ou guerras por terra, e essas coisas desencadeiam migrações de refugiados. Existem disposições de diferentes tipos de cenários à medida que as alterações climáticas se intensificam. Mas qualquer que seja a forma que assuma, haverá consequências linguísticas porque, quando as pessoas se deslocam, as línguas tendem a mudar. De facto, as línguas mudam mesmo assim. Portanto, ainda não conseguimos prever quais serão essas mudanças, talvez a IA nos ajude, mas que elas venham é uma espécie de certeza para mim.

Garry Aslanyan [00:34:19] Então, vamos ouvir uma leitura do seu livro.

Laura Spinney [00:34:23] A partir dos anos 80, uma língua imperial começou a aparecer à frente do campo e depois a dar voltas nas outras. O inglês tem sido, até agora, o único beneficiário da nova era da globalização, a primeira língua verdadeiramente global. Alguns chegaram a marcá-lo de assassino, alegando que levou muitas línguas mais pequenas à extinção. Mas esse não é um rótulo que se encaixa facilmente com todos. Salikok Mufwene, linguista congo-nascido no Congo da Universidade de Chicago, salienta que o inglês expandiu-se principalmente como língua franca. Pode ter espremido outras línguas francas, como o suaíli em África ou o malaio na Ásia, mas não afetou as línguas indígenas que são faladas no dia-a-dia nesses lugares. O rótulo assassino reflete uma visão muito eurocêntrica, diz Mufwene, porque foi a Europa que fez do monolinguismo uma especialidade. Em grande parte do resto do mundo, o bilinguismo estável ou mesmo o multilinguismo continua a ser a norma. Além disso, o inglês diverge simultaneamente em variedades que podem um dia ficar irreconhecíveis como a mesma língua. Então, os ingleses estão a matar, ou estão a morrer ou de alguma forma estão a fazer as duas coisas ao mesmo tempo?

Garry Aslanyan [00:35:41] Uma última pergunta, o inglês está realmente a dominar a saúde global ou a área da saúde global, obviamente por boas razões em termos de comunicação, mas há muito discurso em torno da necessidade de descolonizar a saúde global. Como acha que a nossa

compreensão da saúde e da doença e as abordagens que tomamos é influenciada pelo facto de estarmos realmente a usar apenas o inglês.

Laura Spinney [00:36:12] Sim, volto ao Índice Global de Segurança Sanitária novamente, os países que estavam previstos para se saírem bem, não os que se saíram bem, outros se saíram bem. E as línguas nesses países raramente eram o inglês, pelo menos a primeira língua. Portanto, se quisermos aprender com eles, talvez precisemos de adotar uma abordagem mais multilingue, quer dizer, não estamos a falar de nenhum dos dois ou não estamos a falar de inglês ou de outra língua. Podemos ter o inglês como principal ferramenta de comunicação, uma vez que é a única língua verdadeiramente global por enquanto, e depois, sabem, têm discussões e documentação também noutras línguas. Quero dizer, uma das lições da gripe de 1918 e também da COVID, é o quão valioso pode ser aproveitar o tipo de movimento de base, o apoio da comunidade, a tendência e o instinto das comunidades para cuidar de si mesmas, e isso aconteceu em muitos países, talvez não tenha sido tão encorajado como poderia ter sido pelas autoridades, pelos governos e Se quisermos aproveitá-la, aprender as lições do passado e explorar esse instinto das pessoas de cuidar das suas no futuro, significa aprender com elas e isso significa falar as suas línguas, que também não são necessariamente ou muito frequentemente inglesas.

Garry Aslanyan [00:37:38] Obrigado, Laura, por esta discussão fascinante. Pessoalmente, aprendi muito e tenho a certeza que os nossos ouvintes vão gostar desta conversa. Boa sorte com todos os seus planos e empreendimentos futuros.

Laura Spinney [00:37:50] Obrigado. E obrigado pelas suas grandes perguntas.

Garry Aslanyan [00:37:57] Foi a minha curiosidade pelas doenças e a minha paixão pelas línguas que me atraiu a ter esta conversa com a Laura. A partir da nossa discussão, ficou claro o quão profundamente a linguagem molda o nosso mundo e como entendemos a saúde, a história e uns aos outros. Laura lembrou-nos que as pandemias nunca são apenas eventos biológicos. São histórias sociais, políticas e linguísticas que revelam, o quê e cujas perspetivas escolhemos recordar. A História pode ser a nossa professora para o futuro. Quando nomeamos doenças sem cuidado ou contamos as suas histórias através de lentes estreitas, corremos o risco de reforçar o estigma, perdendo lições vitais dos mais afetados. Também nos lembrou que campos como a saúde global, tal como a própria linguagem, prosperam na tradução, na construção de compreensão entre disciplinas, culturas e comunidades. Espero que este diálogo vos inspire a pensar nas palavras que usa, nas histórias que amplifica e nas pontes que pode ajudar a construir através delas. Para saber mais sobre o tema discutido neste episódio, visite a página do episódio onde encontrará leituras adicionais, notas de programa e traduções. Não se esqueça de entrar em contacto connosco através das redes sociais, e-mail ou partilhando uma mensagem de voz e certifique-se de subscrever-nos ou seguir-nos onde quer que receba os seus podcasts. Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de investigação co-patrocinado pelas Nações Unidas baseado na Organização Mundial da Saúde. Obrigado por ouvir.